

INTERNAÇÕES E ÓBITOS POR MALÁRIA NO BRASIL: DESIGUALDADES REGIONAIS E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE 2020 A 2025

SILVA, Jaqueline Carvalho de Oliveira¹; DE QUEIROZ, Rayana Fátima Barbosa¹; DA SILVA, Kalleby Pedro¹; TAKAHASHI, Carina Yumi¹; TEODORO, Mariana Miziara de Abreu²

¹Acadêmicos da Faculdade UNINASSAU de Vilhena. ²Docente da Faculdade UNINASSAU de Vilhena;

*jaquelineoliveira19@hotmail.com

Introdução: A Malária permanece como importante problema de saúde pública no Brasil, com forte concentração na Região Norte. Esse padrão reflete a interação entre fatores ambientais, sociais e estruturais, incluindo limitações no acesso aos serviços de saúde, maior exposição ocupacional e condições favoráveis à manutenção do ciclo de transmissão. **Objetivos:** Analisar o perfil epidemiológico das internações e óbitos por malária no Brasil entre 2020 e 2025, com ênfase nas desigualdades regionais. **Métodos:** Estudo ecológico, retrospectivo e descritivo, realizado com dados secundários do DATASUS, por meio do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS). Foram incluídas internações por malária segundo os CID-10 B50, B51, B52, B53 e B54, entre janeiro de 2020 a dezembro de 2025. As variáveis analisadas foram região, unidade federativa, sexo, faixa etária, raça/cor e óbitos hospitalares, utilizando estatística descritiva, taxas de mortalidade por 100 mil habitantes e letalidade hospitalar. **Resultados e Discussão:** Foram registradas 11.020 internações no período, com elevação de 2020 (1.457) até 2022 (2.114), manutenção em 2023 (2.132) e redução progressiva até 2025 (1.721), sendo que a maioria das internações ocorreu na Região Norte (8.854). Houve maior frequência no sexo masculino (59%) e predomínio em adultos jovens, especialmente entre 20 e 39 anos, possivelmente relacionada à maior exposição ocupacional em atividades como garimpo, agricultura, extrativismo e circulação em áreas de transmissão vetorial. Em relação à raça/cor, destacou-se a população parda, seguida de indivíduos indígenas. A mortalidade apresentou distribuição heterogênea, com maior concentração na Região Norte. Quando analisada em relação à população, observaram-se taxas mais elevadas em estados endêmicos, como Roraima ($\approx 3,60$ óbitos/100 mil habitantes) e Rondônia ($\approx 1,20/100$ mil), em contraste com São Paulo ($\approx 0,01/100$ mil), evidenciando maior risco de óbito nessas regiões. Roraima apresentou letalidade hospitalar aproximada de 1,4%, enquanto Rondônia apresentou cerca de 0,9%, sugerindo maior gravidade clínica e possíveis limitações no acesso ao diagnóstico e tratamento oportuno nessas regiões. Destaca-se ainda que Roraima registrou 542 internações por *Plasmodium falciparum* no período analisado. Dos 27 óbitos hospitalares registrados no estado, 18 foram associados ao *P. falciparum*, reforçando a relevância epidemiológica da circulação de espécies associadas a maior gravidade clínica. Esse padrão sugere influência de desigualdades no acesso ao diagnóstico e tratamento, além de fatores ecoepidemiológicos, como a presença do vetor *Anopheles darlingi*. Entre as limitações do estudo, destacam-se a possibilidade de subnotificação, inconsistências no preenchimento dos sistemas de informação, viés ecológico e impossibilidade de inferência causal. **Conclusão:** As internações e óbitos por malária no Brasil apresentam distribuição desigual, com concentração na Região Norte e maior impacto em populações vulneráveis. O aumento expressivo de internações e óbitos associados ao *P. falciparum*

em Roraima reforça o alerta epidemiológico para circulação de formas graves da doença no país, evidenciando a necessidade de fortalecimento da vigilância epidemiológica, ampliação do acesso ao diagnóstico precoce e estratégias específicas para áreas de maior vulnerabilidade social e ambiental.

Palavras-chave: Hospitalização. Disparidades em saúde. Distribuição Espacial. Vulnerabilidade social. Território Amazônico.